

Resenha

A DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO E OS DIREITOS DE CIDADANIA LGBT NA ESCOLA

Júlio Alves Caixêta Júnior^{ab*}

^a Faculdade Patos de Minas - FPM, Patos de Minas, Minas Gerais, Brasil.

^b Centro de Ensino Superior de São Gotardo – CESG, São Gotardo, Minas Gerais, Brasil.

Resumo

O livro de Marco Antônio Torres tem como coordenadora Keila Deslandes, sendo uma obra que apresenta conceitos que, em sua segunda edição, fundamentais no processo de educação, sobretudo quanto a diversidade sexual e os direitos à cidadania LGBT† na escola. Marco Antônio Torres é professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto-MG, colaborador do Programa de Educação para a Diversidade e a Cidadania e, atualmente, coordena o curso de aperfeiçoamento em direitos humanos e pesquisa sobre cidadania e direitos humanos da população LGBT nos contextos da educação formal e não formal.

Palavras-chave: Educação; Diversidade sexual; Preconceito.

SEXUAL DIVERSITY IN EDUCATION AND THE RIGHTS OF LGBT CITIZENSHIP AT SCHOOL

Abstract

Marco Antônio Torres' book is coordinated by Keila Deslandes, being a work that presents concepts that, in its second edition, are fundamental in the education process, especially regarding sexual diversity and the rights to LGBT citizenship at school. Marco Antônio Torres is a professor in the Department of Education at the Federal University of Ouro Preto, collaborator of the Education Program for Diversity and Citizenship and currently coordinates the human rights training course and research on citizenship and human rights of the LGBT population in contexts of formal and non-formal education.

Keywords: Education; Sexual diversity; Preconception.

* Autor para correspondência: prof.juliojunior@gmail.com

† Termo utilizado na obra, o termo mais adequado atualmente, segundo a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) é LGBTQia+ que abrange todas as designações indenitárias quais sejam: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intersexo, Assexuais/Agênero, e mais.

1. Apresentação do livro

O livro “*A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola*” busca desenvolver a noção de diversidade sexual analisando o preconceito na educação e nas escolas. A obra, para melhor organizar e desenvolver a temática, está dividida em: *Introdução*; *Capítulo 1 – A compreensão da sexualidade por meio da diversidade sexual*; *Capítulo 2 – Argumentos contrários à noção de diversidade sexual nas configurações sociais*; *Capítulo 3 – As sexualidades, o preconceito contra LGBT e a escola*; *Capítulo 4 – A cidadania LGBT nas configurações da educação formal e da educação não formal*; *Considerações Finais e Referências*.

2. Introdução

A obra busca apresentar a noção de diversidade sexual em referência ao preconceito do tema na educação. Apresenta como objetivo central as possibilidades de reflexão sobre as diversidades e busca promover ações que levem ao seu reconhecimento na educação.

No desenvolvimento da reflexão da obra são apresentados argumentos históricos para afirmar a heterossexualidade como um modelo único de sexualidade na sexualidade brasileira, visualizando, assim, a hegemonia de uma cultura religiosa predominantemente católica.

Neste contexto, observamos a importância das iniciativas coletivas e políticas públicas que promovam uma análise crítica e criativa na construção de uma escola que vise à cidadania, que inclua todas as diferenças e todas as diversidade.

3. A compreensão da sexualidade por meio da diversidade sexual

A partir das últimas décadas do século XX iniciam-se as mudanças das concepções em relação as concepções de gênero e diversidade sexual, neste contexto, apresenta a sexualidade como uma construção social, um fenômeno relacionado aos diversos contextos sócio-históricos dos processos educacionais.

As construções sociais criadas pelo desenvolvimento da vida em sociedade foram construídas no debate social e nas práticas do cotidiano ao longo da história. Na educação, são várias as instâncias que contribuem para definir o que se pode admitir como demanda na área da sexualidade.

As expressões da sexualidade estão relacionadas em um contexto social e histórico da vida das pessoas.

No contexto social a sexualidade é vivenciada por cada indivíduo de forma pessoal, que se apresenta diferente dependendo das leis, costumes e as tradições de uma sociedade.

O contexto histórico apresenta diferentes maneiras de ver e entender os mais diversos fenômenos e de se posicionar em relação a eles. As práticas sexuais foram naturalizadas e utilizadas para controlar o corpo dos sujeitos, restringindo suas possibilidades de expressão da diversidade sexual.

A homofobia, tratada pelo autor como heterossexismo, define a violência contra a população LGBT como algo relacionado às configurações sociais e históricas, herdadas do controle religioso como forma de controlar o corpo dos sujeitos e, sendo permitida tão somente para a procriação.

4. Argumentos contrários à noção de diversidade sexual nas configurações sociais

As configurações sociais interferem na forma de avaliação de bons e maus comportamentos, sendo formadoras de costumes e hábitos. Na história do Ocidente, dois grandes discursos sempre definiram os rumos da sexualidade, o discurso médico e o discurso religioso. Esses discursos criavam verdades inquestionáveis, a sexualidade era trancada no quarto dos pais, praticada após o casamento, distinguido entre conceitos de sexualidade boa e má.

O cristianismo, em seu nascimento, traz elementos da cultura grega e judaica, que influenciaram o Ocidente nos primeiros séculos da era cristã. Uma vertente da cultura grega que influenciou o cristianismo na área dos costumes é o estoicismo, que guarda uma postura séria na vida em função dos deveres da humanidade, dos cidadãos e da família. Todavia, na cidade de Atenas, na Grécia, a prática de sexo entre homens era comum e dava-se de acordo com as convenções culturais próprias. Contudo, apenas a vertente estoica heterossexista do helenismo é transmitida ao discurso cristão. Vale lembrar que, nesta época, a mulher não era vista como um cidadão e sua sexualidade estava a serviço da procriação e do prazer dos homens.

Na formação do discurso cristão, ainda observamos a incidência do discurso judaico, que ligava os impulsos sexuais a poderes misteriosos fora do controle humano. O homem que se submetesse a tais impulsos era impedido de entrar em sintonia com Deus, bem como, o contato com a menstruação e com sêmen poderia tornar a pessoa impura, sendo o sexo exclusivamente para a procriação.

Os conceitos de maus comportamentos sexuais, sexualidade impura e errada, originam-se e passam de geração a geração sem serem questionados, devido ao discurso cristão.

Do século XV ao XIX, os pecados sexuais eram colocados em duas instancias pelo cristianismo, sendo, consoantes com a natureza (adultério, fornicação, incesto, estupro e rapto) e contrários a natureza (masturbação, sodomia, homossexualismo e bestialidade). Desta forma, os pecados consoantes com a natureza como o

adultério e o estupro, quando praticado por homens, sempre encontravam certa conveniência social. Tal visão configura a chamada matriz heterossexista, com o qual, somente o modelo heterossexual cristão seria válido.

No ocidente, no decorrer dos tempos, vários foram os modos de nomear as relações que não fossem heterossexuais, como sodomia, bestialismo, etc.

5. As sexualidades, o preconceito contra LGBT e a escola

A convivência social cria e ensina o ser humano, tornando-o, desde o seu nascimento, um ser social por meio de discursos aprendidos ao longo da sua história de vida. Desta forma, nos orientamos conforme crenças e contingências da vida.

As crenças, que não se limitam a valores religiosos, mas se referem a tudo que acreditamos como melhor e verdadeiro modo de se viver. As contingências seria as experiências que temos durante a vida, a acontecimentos e a situações inesperados que nos dizem respeito.

As noções do judaísmo e do helenismo invisibilizaram, por meio da cultura cristã, outras formas de compreensão da sexualidade. Sexualidades estas, devido as constelações de discursos que aprendemos e repetimos nas configurações sociais, por vezes permeados pelo discurso moral cristão, que não são definidas e caracterizadas da forma correta.

Orientação sexual e identidade de gênero são vertentes da sexualidade muitas vezes tratadas como sinônimos, no entanto, trata-se de conceitos e definições diversas. Orientação sexual é a capacidade de cada pessoas de experimentar uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduo de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero diferente, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas. Já identidade de gênero é a experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal do corpo e outras expressões de gênero, inclusive o modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos.

Apesar do princípio da laicidade do Estado, que deveria garantir e nos permitir entender a escola de forma livre, entendemos que, estatal ou não, a comunidade escolar estabelece seus critérios educacionais a partir dos discursos heterossexistas, diante da violência promovida pelo preconceito atinge toda a comunidade escolar, dos serviços ao/à diretor/a.

Mesmo quando superados, teoricamente, na educação, os preconceitos persistem nas práticas pedagógicas que, pelo pacto do silêncio, negam a existência de hierarquização sexual do heterossexismo.

6. A cidadania LGBT nas configurações da educação formal e da educação não formal

As configurações sociais são um conjunto de formas de expressão utilizadas pelas pessoas para se identificarem e se direcionarem umas às outras. Desta forma, as configurações sociais dos diferentes espaços de educação possibilitam várias opções de ações.

No espaço formal de educação, a força da matriz heterossexista obstaculiza a integração da diversidade sexual na escola, no entanto, a educação não se limita e se restringe aos espaços escolarizáveis.

Os espaços não formais podem existir nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais e em todos os locais que possam transformar crianças, jovens e adultos em cidadãos.

Gays, lésbicas, transexuais e travestis despertam nas pessoas raivas, repulsas, medos, etc. Sentimentos que são resultado de conceitos construídos e assimilados nas configurações sociais históricas.

A escola, sendo um instrumento da educação formal, constitui um espaço sistematizado e regido por leis e normas padronizadas, tendo como meta a diplomação e a capacitação dos sujeitos para desenvolver tarefas específicas, por meio da disciplina e delimitação dos papéis de quem educa e de quem aprende.

As discussões sobre sexualidade no ambiente escolar são marcadas pelo preconceito e limitadas pelo debate da reprodução humana, da descrição da anatomia dos corpos, o que faz com que o preconceito contribua para a interiorização individual.

O termo configurações heterossexista salienta que o preconceito é um sistema social e não algo intrínseco ao sujeito. O poder de uma configuração na hierarquização social é tamanho e capaz de promover a intolerância em grandes níveis. A humanidade conheceu vários momentos, como o nazismo na Alemanha, o *apartheid* na África do Sul, entre outros, em que se conseguiu articular o ódio e a segregação por meio dessas formas de hierarquização social.

Saber questionar ideias preconcebidas é um posicionamento ético, uma abertura ao diferente. A educação não pode ser encarada como somente um espaço de formação para o trabalho, mas também para o desenvolvimento de uma cidadania que inclua as diversidades.

O desenvolvimento da educação não formal viabiliza a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadão, o desenvolvimento de habilidades e potencialidades, organização comunitária voltada para a resolução de demandas coletivas cotidianas e a leitura e compreensão do mundo ao redor do indivíduo.

7. Considerações finais

Evidenciamos a noção de diversidade sexual e dinamicidade da construção das sexualidades, o que

permite um alargamento da noção de diversidade sexual, sem tornarmos em algo absoluto, capaz de explicar e discutir todos os conflitos, possibilidades e limites das sexualidades.

Uma pessoa que se apresenta como transexual, travesti ou bissexual deve ser compreendida em sua singularidade e no contexto sócio-histórico em que se encontra, vez que, as possibilidades de diálogo ou de repressão serão fundamentais nas oportunidades de acesso aos seus direitos de cidadania.

As configurações sociais heterossexista impedem, muitas vezes, que essas pessoas sejam reconhecidas como cidadãs pelos outros e por si mesmas.

O termo heterossexista foi utilizado para alargar a linguagem, aprimorar a capacidade de analisar a realidade por meio de novos vocábulos, uma vez que, o termo homofobia é questionado devido a noção de fobia como característica psicológica de sujeitos e grupos.

A educação formal normalmente volta-se a diálogos com a educação não formal mais próxima de seu espaço de ação e dos processos escolarizáveis, o que faz com que a população LGBT se aproxime pouco da escola.

Uma abertura às diferenças pode ser um grande passo para uma configuração democrática e participativa nos processos de formação.

REFERÊNCIAS:

TORRES, Marco Antônio. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2013.